

A SAGA POÉTICA: HEIDEGGER E CAEIRO

VÂNIA LÚCIA KAMPF*

RESUMO O presente artigo busca fazer uma aproximação entre o pensar filosófico de Martin Heidegger e a linguagem poética de Alberto Caeiro acerca do envio da poesia como o destinar de um dizer. Não se trata de pensarmos o destino em sua dimensão ôntica, relativa ao desenrolar dos acontecimentos que se dão no tempo, mas, em uma dinâmica existencial própria cuja temporalidade se dá a partir de uma relação originária do poeta com o ser e com o mundo. Quando isto irrompe, a poesia torna-se um caminho de prenúncio do acontecimento do ser, e o poeta, lançado ao seu destino, repousa no porvir da palavra anunciadora.

PALAVRAS-CHAVE poesia; linguagem; saga; abertura; acontecimento apropriador.

São os poetas que falam do retorno à casa – esse lugar de reencontro e proximidade com a origem, de desdobramento do essencial, cuja morada é a proximidade do ser. Na célebre frase “a linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem”¹, proferida na carta *Sobre o Humanismo*, Heidegger nos alerta que são os pensadores e os poetas os guardiões dessa morada, uma vez que consumam a manifestação do ser ao trazê-la e mantê-la na linguagem. Lembremos que o termo alemão para habitação é *Behausung*. Casa é *das Haus*, do substantivo formou-se o verbo *hausen*, que expressa a atribuição da casa: dar abrigo, morada, habitação.² É neste movimento que mora o homem. Entretanto, sabemos que o homem se encontra na diáspora, ele não habita na sua linguagem, está fora de casa, vive no falatório, no blá-blá-blá do mundo das opiniões, da simples comunicação como meio de expressão. Há uma relação primordial com a linguagem que se perdeu no meio disso! O habitar a que o pensador alemão se refere diz respeito à própria abertura do homem, ao traço fundamental da presença humana. Quando Heidegger se refere às palavras de Hölderlin: “[...] poeticamente o homem habita [...]”, ele não está se referindo à poesia como um adorno ou floreio capaz de enlevar o espírito. Poética é criação, é palavra criadora – e nada tem a ver com fazer rima –, tem a ver com o mais puro exercício de lucidez, com ser o mais próprio: a possibilidade de ser no sentido de ser. Para Heidegger, é preciso “libertar a linguagem da gramática, para um contexto Essencial mais originário”³ e esta tarefa está reservada ao pensar e poetizar. São os poetas que fazem do dizer um mostrar, fazem do dizer um ver e aparecer, fazem do dizer um dizer próprio, de tal forma sintonizado com a

* Doutoranda PPGFIL – PUC – Rio / Bolsista CNPq

¹ HEIDEGGER, *Sobre o Humanismo*, p. 24. Maiúscula do tradutor.

² Cf. CARNEIRO LEÃO, Nota do tradutor, em HEIDEGGER, *Sobre o Humanismo*, p. 24.

³ HEIDEGGER, *Sobre o Humanismo*, p. 25-26. Maiúscula do tradutor.

experiência de ser que a linguagem se faz a casa do ser. A linguagem do poeta será sempre a celebração disso! Cabe, pois, ao poetizar uma abertura mais originária para a linguagem que, traduzida inadequadamente pelo ocidente na forma da Lógica cristalizou-se como uma via de mão única incapaz de se relacionar com o mistério, com aquilo que se deixa entrever senão furtando-se.

São os poetas aqueles que se acercam das palavras de modo a torná-las próprias com aquilo que é. São eles que se aproximam do vazio – lugar onde habita o sentido das coisas. No livro *A Caminho da Linguagem*, Heidegger diz que

[...] para o poeta, a palavra se diz como aquilo a que uma coisa se atém e contém em seu ser. O poeta faz a experiência de um poder, de uma dignidade da palavra, que não consegue ser pensada de maneira mais vasta e elevada. A palavra é, ao mesmo tempo, aquele bem a que o poeta se confia e entrega, como poeta, de modo extraordinário.⁴

Na lida do poeta com a palavra, uma particularidade acontece: o poeta é tomado por algo que irrompe de uma ausência para uma presença e restaura a experiência de mistério na fala e no discurso. Dito nas palavras de Platão, no diálogo entre Sócrates e Diotima, em *O Banquete*: “[...] toda a causa de qualquer coisa passar do não-ser ao ser é ‘poesia’, de modo que as confecções de todas as artes são ‘poesias’, e de todos os seus artesãos poetas.”⁵ Entendemos, com isso, que o poético é a força geradora capaz de levar o real a emergir, ao desencobrimento, ao esplendor superlativo. Nisto há o extremo de um poder-ser, o extremo de um vigor que se mostra, o mais puro princípio de realidade. *Poiēsis* é isso! É o átimo entre o não-ser e o ser, é o instante que se abre como possibilidade entre o nada e o tudo. Lembremos que no grego, *poiēsis* é a ação de *poiēin*, infinitivo neutro do verbo *poiēō*, que significa fazer, produzir, criar, poetar. *Poiēsis* é a palavra que mostra, que torna visível alguma coisa. Este era o modo como os gregos entendiam a *poiēsis*: a ação e atividade de fazer aparecer, um modo de ser da *phýsis* de se mostrar e se realizar. Pura eclosão em si mesma! O poeta era partícipe da *phýsis* ao falar da *phýsis*. Neste caso, a ação criadora é uma ação que não é um automatismo, mas é uma ação que reverte sobre quem faz e transforma quem faz. Não é o poeta que faz poesia, mas, a poesia o faz. Na *poiēsis*, o fazer não é o fazer do homem, mas é um deixar vir a ser da abertura da dimensão da transcendência. A própria saga poética, a saga do dizer como um mostrar, não pode ser considerada exclusivamente como um feito do homem, pois, “mesmo quando o mostrar se dá através de nosso dizer, esse mostrar [...] está sempre precedido de um deixar-se

⁴ HEIDEGGER, *A Caminho da Linguagem*, p. 129.

⁵ PLATÃO, *O Banquete*, p. 127. Neste escrito, o termo grego *poiēsis* foi traduzido por poesia.

mostrar.”⁶ Há algo que vem primeiro. Isto é algo muito bem compreendido na aurora grega. Na Grécia antiga, não era o homem que contemplava o mundo, ao contrário, era o mundo que o contemplava, era o mundo que sobrevinha ao homem que se abria como presença àquilo que nele se presenciava. Com isso, a medida da coisa era dada pela própria coisa. Mas logo vem a pergunta: o que é coisa? Por certo, não nos referimos a uma compreensão abstrata, conceitual, teórica. O que é uma pedra, uma rosa ou um sapo pode ser respondido pela mineralogia, pela botânica ou zoologia, respectivamente. A ciência busca respostas para tudo o que existe, apenas não podemos esquecer que isto é apenas aquilo que uma determinada coisa é para A, B ou C. Já nos diria Caeiro, em 1918:

Todas as opiniões que há sobre a Natureza
Nunca fizeram crescer uma erva ou nascer uma flor.
Toda a sabedoria a respeito das coisas
Nunca foi coisa em que pudesse pegar, como nas coisas.
Se a ciência quer ser verdadeira,
Que ciência mais verdadeira que a das coisas sem ciência?
Fecho os olhos e a terra dura sobre que me deito
Tem uma realidade tão real que até as minhas costas a sentem.
Não preciso de raciocínio onde tenho espáduas.⁷

Quando Caeiro fala das *coisas* não está interessado no entendimento científico *sobre* elas. Esta é sempre uma compreensão tardia. Não há que se ter sabedoria, nem raciocínio, nem opinião. Pessoa também teria dito: “O que constitui a essência de uma coisa é aquilo que, retirado a essa coisa, a mesma coisa desaparece”⁸, ou seja, a coisa é só o que é e nada mais. Cada coisa é única. Quando perguntamos “o que é coisa?” buscamos, na realidade, saber o que faz a coisa ser coisa enquanto coisa. Há nisto uma singularidade, e a singularidade das coisas é algo que as ciências não se detêm, isto é posto de lado. Não nos damos conta, ou sequer questionamos, que somos jogados dentro de um universo de significados e o que uma cadeira é para o dentista, não é o mesmo que para um condenado à morte ou para um deficiente. Para cada um, a cadeira terá um sentido próprio, por isso podemos dizer que a cadeira é sempre a mesma, mas não é igual. Cada cadeira é uma cadeira e nenhuma outra. Isto nos fala exatamente de uma unidade na pluralidade; do um que é múltiplo; do mesmo que não é igual. Algo certamente pensado na origem grega por Heráclito quando se refere ao divergente que consigo mesmo concorda, ao um que diferenciado de si mesmo une-se a si mesmo em uma harmonia dos contrários.⁹ Caeiro tem uma compreensão bem clara sobre isto quando diz:

⁶ HEIDEGGER, *A Caminho da Linguagem*, p. 203.

⁷ PESSOA, *Obra Poética*, p. 242-243.

⁸ PESSOA, *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*, p. 31.

⁹ Cf. HERACLITO, *Heráclito – Fragmentos Contextualizados*, p. 73.

Tenho escrito bastantes poemas.
 Hei de escrever muitos mais, naturalmente.
 Cada poema meu diz isto,
 E todos os meus poemas são diferentes,
 Porque cada cousa que há é uma maneira de dizer isto.¹⁰

Cada poema é único porque é a própria coisa que dita a maneira de dizer. Há neste dizer, um aparecer que irrompe em uma presença¹¹, e, por assim ser, é a própria coisa que aparece em sua singularidade. Coisa é sempre um mundo, um sentido, um *lógos*, a partir do qual a coisa aparece como tal. Ver a coisa nela mesma é deixar que ela apareça desde o mundo que ela é, é sempre ver a partir do seu interesse. Só que para isso, diz Heidegger, é preciso “ser sob, entre e no meio das coisas; estar numa coisa de permeio e junto dela assim persistir.”¹² Na língua latina, o vocábulo interesse vem de *inter-esse*: *inter*, dentro; *esse, essere*: ser.¹³ Interesse significa ver sempre desde dentro do modo de ser que é o da própria coisa. Mas como é possível ver a coisa desde o seu modo próprio de ser? Não se trata de uma visada objetiva e nem tampouco subjetiva, mas, de uma abertura que se dá no homem a partir da qual a coisa vem a ser a coisa que é. O que faz uma coisa ser o que ela é é o mundo em que ela está, o mundo em que ela aparece, mas para isso é preciso que o olhar esteja num outro registro, num outro horizonte – o da transcendência –, que diz respeito a uma dimensão, a uma possibilidade de vida e existência que sobrevém ao homem, e somente ao homem, pois ele é o único que pode ser tocado e tomado por transcendência. Esta possibilidade de existência encontra-se no porvir do homem, mas ele não tem poder sobre isso. Ele partilha e participa desta dimensão, mas isto que é a transcendência o ultrapassa. Ele é passagem, é aquele que deixa-ser. Não há nisto nem passividade nem atividade, mas, sincronia e sintonia com a própria coisa. A *phýsis* como este irromper, brotar e eclodir só se dá para um olhar interessado, para um tal olhar que é participe disso e que está na possibilidade do sentido do mostrar-se. “Quer isto dizer”, nos diz Pessoa, “[...] que as nossas sensações ou impressões das coisas externas, nenhum valor têm se não ajustarem a essas coisas, se as não abonar uma conformidade com a realidade.”¹⁴ Completamente afinado e em total sintonia com esta questão, ouçamos os versos de Alberto Caeiro, do poema XXVIII, de “O guardador de rebanhos”, escritos em 1914:

Li hoje quase duas páginas
 Do livro dum poeta místico,
 E ri como quem tem chorado muito.

¹⁰ PESSOA, *Obra Poética*, p. 234-235.

¹¹ Cf. HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 39.

¹² HEIDEGGER, *O que quer dizer pensar?*, p. 113.

¹³ ERNOUT; MEILLET, *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, p. 312.

¹⁴ PESSOA, *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*, p. 32.

Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos.

Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem
E dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas as flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram coisas vivas, não eram pedras;
E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.

É preciso não saber o que são flores e pedras e rios
Para falar dos sentimentos deles.
Falar da alma das pedras, das flores, dos rios,
É falar de si próprio e dos seus falsos pensamentos.
Graças a Deus que as pedras são só pedras,
E que os rios não são senão rios,
E que as flores são apenas flores.

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
E fico contente,
Porque sei que compreendo a Natureza por fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não era a Natureza.¹⁵

Os versos contam de um poeta místico que fala do sentimento das flores, da alma das pedras e dos êxtases dos rios ao luar. Trata-se de uma humanização da natureza, uma espécie de prescrição que determina aquilo que a natureza é. Contrário a isto, nos deparamos com a simples constatação do poeta, que conta de um saber que nada impõe às flores, às pedras ou aos rios, mas apenas os compreende em si mesmos. Isto significa que não há algo por trás da natureza, mas apenas o descobrir da natureza como natureza, em si mesma e desde si mesma. Isto é o mesmo que ver a natureza. Há nisto um contentamento, uma satisfação. Quando se vê assim, há uma abertura – o ver abre um horizonte, uma perspectiva. Isto é descobrimento. É *alétheia*. Este é o instante em que o real se faz, é o irromper da realização do real. Para conhecer é preciso estar em sintonia com esta abertura possibilitadora que instaura o aparecer. Se isso acontece, dá-se o conhecer que, no francês – *connaître* –, tanto quer dizer conhecer como co-nascer ou nascer com.¹⁶ Esta é uma participação existencial que traz à tona todo um modo de vida. Podemos dizer que, na origem grega, compreendia-se toda e qualquer realidade na medida em que se colocava em estado nascente com a própria coisa. Colocava-se em participação, harmonizava-se e afinava-se à coisa a partir dela mesma. Com isso, a coisa nascia, a florava,

¹⁵ PESSOA, *Obra Poética*, p. 219.

¹⁶ ROBERT, *Dictionnaire du Français Primordial*, p. 212.

desabrochava em todo o seu esplendor e graça, em pura gratuidade. Ouçamos, uma vez mais, Caetano, agora com os versos II, de “O guardador de rebanhos”, escritos na mesma data:

[...] Creio no mundo como num malmequer,
 Porque o vejo. Mas não penso nele
 Porque pensar é não compreender...
 O Mundo não se faz para compreendermos
 (Pensar é estar doente dos olhos)
 Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo... [...] ¹⁷

Não há o que pensar, pois pensar é não compreender, é estar doente dos olhos, diz o poeta. O que há é o ver. É o estar em sintonia e sincronia com o mundo e senti-lo, e, com isso, transpor-se para ele e conascer com ele. Só assim somos partícipes da gênese do mundo, de sua nascerença. Neste estar de acordo, há uma entrega que deixa a coisa ser a própria coisa. Neste abandono, há uma aquiescência onde a coisa é, desde ela mesma, ela mesma. Nesta copertinência a coisa vigora, se essencializa. Os poetas nos falam do despertar do homem para uma realidade em que a realidade não é coisa nenhuma. O que jaz por trás dos versos de Caetano é a questão da transcendência que é passagem e salto para uma dimensão própria do homem, na qual este se insere em uma dinâmica de participação do desvelamento da realidade, que é a coisa, que é o ente, que é o mundo. O homem não é uma categoria biológica, sociológica ou antropológica. Não! O homem é um acontecimento que irrompe, cumula e plenifica quando realiza o seu limite, aquilo que ele pode ser. Nesse acontecimento, o homem chega maximamente à sua humanidade. Ele realiza extraordinariamente aquilo que ele é. Isso é o ápice da liberdade humana! Heidegger chamou isso de acontecimento apropriador. A palavra em alemão para este acontecimento é *Ereignis*. O termo é composto pelo prefixo de intensificação *Er-* e por *-eigen* que significa próprio. Podemos, pois, inferir que ao pé da letra *Ereignis* é o mais próprio. A forma verbal é *ereignen* e diz respeito ao apropriar, ao tornar próprio.¹⁸ Sabemos que este acontecimento ímpar não é algo assim tão simples e atravessou o pensamento do filósofo ao longo de toda a sua vida. Não há como defini-lo através de um enunciado propositivo. *Ereignis* é uma palavra chave que abre inúmeras portas, mas, assim como a palavra grega *lógos* e a chinesa *Tao*, pouco se deixa verter para outra língua.¹⁹ Trata-se, com margem a uma imprecisão bastante grande, de um acontecer originário, “o âmbito dinâmico em que

¹⁷ PESSOA, *Obra Poética*, p. 204-205.

¹⁸ Cf. Nota do Tradutor, em HEIDEGGER, *A Caminho da Linguagem*, p. 209. Marlène Zarader faz um excelente levantamento, por ordem cronológica, dos textos que tratam o tema. A autora diferencia aqueles em que o *Ereignis* é meramente evocado daqueles em que o assunto é explicitado. Trata-se de um tema que aparece no pensamento de Heidegger por volta dos anos 1934-1936 e vai até o seminário sobre a conferência “Tempo e Ser”, em 1962. (Cf. ZARADER, *Heidegger e as Palavras da Origem*, p. 329).

¹⁹ HEIDEGGER, *O princípio da identidade*, p. 180.

homem e ser atingem unidos sua essência (e) conquistam seu caráter historial [...].”²⁰ Há, pois, neste acontecimento uma apropriação do homem e do ser em uma comunidade essencial, a qual determina o modo de ser do homem e todo o seu destino. Tudo aquilo que ele pode ser. Mas não só isso. Este acontecimento perpassa a saga do dizer. Ao apropriar o apropriado, o acontecimento apropriador torna própria a própria palavra anunciadora que se desdobra na saga mostrante do dizer e “en-caminha a linguagem para a fala do homem. A saga do dizer recomenda a verbalização sonora na palavra”, diz Heidegger.²¹ O caminho para a linguagem originária se determina a partir desse deixar-ser que eclode no dizer do poeta a sua força de mostração. É nesta proximidade que poeta e poesia são remetidos ao mais próprio de suas essências, de suas forças geradoras, de seu vigor, daquilo que nos anuncia Campos, em carta a Caeiro: “o único destino digno dum poeta.”²²

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine: Histoire de Mots*. Paris: Klincksieck, 2001.
- HEIDEGGER, M. *A Caminho da Linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- HEIDEGGER, M. O princípio da identidade. In: HEIDEGGER, M. *Os Pensadores: Conferências e Escritos Filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- HEIDEGGER, M. O que quer dizer pensar? HEIDEGGER, M. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- HEIDEGGER, M. *Que é uma coisa?* Trad. Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 2018.
- HEIDEGGER, M. *Sobre o Humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.
- HERÁCLITO, *Heráclito – Fragmentos Contextualizados*. Trad. Alexandre Costa. São Paulo: Odysseus, 2012.
- PESSOA, F. *Obra Completa de Alberto Caeiro*. Eds. Jerónimo Pizarro e Patrício Ferrari. Lisboa: Tinta da China, 2016.

²⁰ HEIDEGGER, *O princípio da identidade*, p. 181.

²¹ HEIDEGGER, *A Caminho da Linguagem*, p. 214.

²² PESSOA, *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, p. 231.

PESSOA, F. *Obra Poética*. Volume Único. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1997.

PESSOA, F. *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Org. Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Presença, 1994.

PESSOA, F. *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*. Org. Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1980.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

ROBERT, P. *Micro Robert – Dictionnaire du Français Primordial*. Paris: Brodard et Taupin, 1981.

ZARADER, M. *Heidegger e as Palavras de Origem*. Trad. João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.